

E para que, melhor ainda, justifique eu o regime de tempo integral e correspondente remuneração, imposto ao Diretor Geral e aos Diretores da Primeira e Segunda Diretorias, devo esclarecer que esses cargos, pela reforma que propomos, se acham grandemente sobrecarregados de serviços. Efetivamente, para dar uma idéa justa dos encargos da Primeira Diretoria, p.e. basta-nos dizer que, em Pernambuco, os serviços que a compoem constituem tres diretorias ou inspeorias: (1) Higiene do Interior; (2) Epidemiologia e Demografia, e (3) Propaganda e Educação, emquanto, alem desses encargos, é ainda função daquela Diretoria o Serviço de Verificação de Obitos e o da Escola de Enfermagem.

## AS FEBRES DO GRUPO TYPHICO NA BAHIA (BRASIL)

Pelo Dr. EDGARD de CERQUEIRA FALÇÃO (Santos)

Tendo-me dedicado, nos meus dois ultimos anos academicos, ao estudo da febre typhoide na capital da Bahia, e havendo apresentado, na minha these para o doutorado, sob a epigraphe "A febre typhoide na cidade do Salvador", defendida publicamente em 17 de março de 1926, conclusões que reformaram inteiramente o juizo firmado, de longa data, pela classe medica local, a respeito do problema em apreço, não podia deixar de voltar agora, de novo, ao assumpto, uma vez que os resultados por mim obtidos acabam de ter integral confirmação, com a recentissima publicidade dada á estatistica dos exames praticados no Instituto Oswaldo Cruz da Bahia, no periodo abrangido entre janeiro de 1926 e julho de 1933.

No intuito de melhor esclarecer a materia, recapitularei o que se passou naquela epoca, já distante quasi dois lustros, e examinarei, por fim, os dados ultimamente expostos. A grande epidemia de febre typhoide, que irrompeu, em maio de 1924, na cidade do Salvador, encontrou a classe medica de minha terra convicta ainda da raridade ou mesmo da inexistencia de tal doença nessa capital, onde se suppunha predominarem as febres paratyphicas. Em fevereiro de 1921, o Prof. Gonçalo Moniz, diretor geral de Saúde Publica, no relatorio apresentado ao Secretario do Interior, referia-se á febre typhica em meu Estado, nos seguintes termos: "E molestia assaz rara entre nós, e tambem a respeito della podemos dizer que são communs os erros de diagnostico por parte de alguns dos nossos clinicos. A febre typhica existe, sem duvida, nesta capital; todavia a prova por excellencia da realidade dessa existencia, isto é, a verificação do bacilo especifico em algum doente por meio dos processos bacteriologicos apropriados ao caso ainda não foi effectuada.

"Tenho conhecimento, é verdade, de alguns exames positivos de sôro-diagnostico, dos quaes um praticado por mim mesmo, entre varios

outros negativos, prova esta, porem, que não tem tanto valor quanto o isolamento e identificação do bacilo de Eberth. Não me consta, igualmente, que se tenham feito entre nós autopsias, em casos suspeitos de dothienenteria, nas quaes se haja verificado a existencia das lesões intestinaes características. Si ha aqui alguma observação desta ordem, não a conheço.

“Admittida, em todo caso, a existencia da verdadeira febre typhica neste Estado, não tem ella aqui a mesma symptomatologia que na Europa ou entre outros Estados do Sul do Brasil de clima semelhante ao europeu, e apresenta muito maior benignidade, terminando pela cura a grande maioria dos casos de infecção febril que se capitulam aqui de typho abdominal. Talvez sejam muito mais frequentes entre nós as febres paratyphicas, comquanto não haja tambem algum estudo systematico a este respeito, sobretudo acompanhado das devidas pesquisas microbiologicas”.

Explodindo o surto epidemico de 1924, o Prof. Aristides Novis, então diretor geral de Saúde Publica, fez inserir, em dias successivos, nas columnas de varias folhas locais, uma serie de “Instruções e Conselhos á População”. Desta publicação destaco o seguinte trecho em que o acatado mestre declara textualmente: “Quer a febre typhoide, mais rara, ou as paratyphoses, mais frequentes em nosso meio, são molestias . . .”. Contribuia para manter firme esta idéa, a falta de pesquisas bacteriologicas adequadas, como já salientara, tres anos antes, o provector Prof. Gonçalo Moniz.

A repartição technica official, o Instituto Oswaldo Cruz da Bahia, no que tem a taes exames, quer antes de grassar o mal epidemicamente, quer tambem depois que este já fazia grande numero de victimas diarias, encontrava-se inteiramente desorganizada, fornecendo laudos incompletos e sem significação. Basta citar o teor dos mesmos, que me foi proporcionado, em certidão official, quando colhia documentação para feitura de minha these, a qual certidão guardo em meu archivo, para aquilatar-se da eficiencia de semelhantes investigações. De um livro de resultados de pesquisas feitas no instituto, em 1924, constam 12 laudos, datados de 31 de maio a 6 de junho de 1924, com os seguintes dizeres: “Natureza do producto: sangue em hemocultura para pesquisa dos germens typhico e paratyphicos. Resultado do exame: positivo, a identificação será feita posteriormente”.

Em 19 de junho de 1924, chegou á Bahia o Dr. Genesis Pacheco, bacteriologista de Manguinhos, enviado pelo diretor do Departamento Nacional de Saúde Publica, afim de estudar a possibilidade da vehiculação da epidemia reinante pelos peixes larvophagos distribuidos pela comissão anti-amarilica da Rockefeller, para serem postos nos reservatorios domiciliares, contra os quaes se elevava uma grita geral. Não encontrando definida a especie microbiana causadora do mal assolante, teve então necessidade o tecnico do Departa-

mento, de estabelecer o diagnostico bacteriologico do mesmo, e para isso praticou, nos doentes que lhe ficaram ao alcance, hemoculturas e sôro-aglutinações, trabalho este em que tomei parte activa como auxiliar voluntario. A primeira amostra isolada e identificada revelou o bacilo de Eberth-Gaffky, sendo publicada, em seguida, uma nota na imprensa local, annunciando tal facto ("Diario da Bahia" julho 4, 1924). A este exame, seguiram-se muitas dezenas mais, em todos os casos sendo responsabilizado sempre aquelle mesmo bacilo, já pela cultura positiva do sangue, já pelo phenomeno de Gruber-Durham-Widal positivo em titulo especifico. E assim, nem uma só vez, encontramos os bacilos paratyphicos. Nossas pesquisas, realizadas sob a assistencia continua e immediata dos Profs. Pirajá da Silva e Fernando São Paulo, foram as primeiras que se fizeram systematicamente sobre o assumpto, na Bahia, e as unicas dignas de credito praticadas durante a epidemia, pois outras conclusões vindas a lume ainda nessa epoca peccam pela contradição de seus auctores, como demonstrei em minha these ("A febre typhoide na cidade do Salvador", pags. 50, 51 e 69).

A partir de agosto de 1924, quando já se verificara o declinio do surto epidemico, foi reorganizado o serviço do Instituto Oswaldo Cruz, passando o Dr. Horacio Martins, assistente que até então se encarregara apenas das pesquisas relativas a peste e diphtheria, a incumbir-se ainda do grupo coli-typhico-dysenterico. Dessa data, até dezembro de 1925, todos os exames feitos, na grande maioria por aquelle tecnico e alguns pelo Dr. Adriano Pondé, revelaram sempre a presença do bacilo typhico, nem uma vez sequer tendo sido encontrados os bacilos paratyphicos. Em meiado de 1927, visitando a Bahia, tive occasião de conversar sobre o assumpto com o Dr. Horacio Martins, que me afirmou não ter ainda surgido, até então, nenhum caso de febre paratyphoide, no instituto. E assim que, no ano de 1926, de 216 sôro-aglutinações praticadas, 71 foram positivas em titulo especifico para o bacilo de Eberth-Gaffky, e no primeiro semestre de 1927, de 68 ditas 14 foram igualmente positivas para esta bacteria, sendo todas negativas em relação aos paratyphicos A. e B. Neste mesmo periodo foram tambem praticadas outras tantas hemoculturas, isolando-se e identificando-se o germen supra-citado em muitos casos.

Computando as pesquisas honestamente realizadas de julho de 1924 a junho de 1927 (um espaço de tres anos exactos), apurei um total de 165 casos de febre typhoide legitima, sem um ao menos de paratyphoide. Baseado em taes dados, reafirmei, em trabalho lido perante a Sociedade de Biologia e Hygiene de São Paulo, na sessão de 8 de março de 1928, e publicado no no. 15 do *Brasil-Medico*, de abril 14, 1928, a conclusão já estampada em minha these, cerca de dois anos antes, concebida nestes termos: na cidade do Salvador grassa

apenas a eberthose genuina, sendo as paratyphoides rarissimas ou mesmo inexistentes.

O no. 9, de setembro de 1933, da *Bahia-Médica*, que tenho sob as vistas, traz inserto um trabalho estatístico, intitulado "Estudos sobre as febres paratyphoides na Bahia" e elaborado pelo actual director do Instituto Oswaldo Cruz da Bahia, com os laudos de exames praticados neste estabelecimento, de janeiro de 1926 a 31 de julho de 1933. Abro espaço para o quadro VI do aludido trabalho, no qual vem consignadas as pesquisas efetuadas, com os resultados obtidos. Antes de analysal-o, todavia, quero salientar pequena discrepancia destes dados com os que me foram comunicados pelo Dr. Horacio Martins, ha seis annos passados. E assim que o Dr. Araujo menciona, no curso do ano de 1926, uma sôro-aglutinação positiva a 1-320, para o bacilo paratyphico A, estipulando o total de reacções de Widal realizadas, naquelle anno, em 218, das quaes 69 positivas para bacilo de Eberth-Gaffky, ao contrario do que me affiançou o Dr. Horacio Martins, que disse não ter havido nenhum resultado positivo para paratyphicos, no mesmo periodo, e ter orçado o numero de reacções de Widal praticadas, em 216, com 71 resultados positivos para o bacilo typhico.

Anos	Hemoculturas				R. Widal			
	Total	Positivas			Total	Positivas		
		T	A	B		T	A	B
1926.....	194	59	0	0	218	69	1	0
1927.....	139	27	1	0	128	21	0	0
1928.....	182	35	2	0	214	62	3	1
1929.....	234	67	0	0	228	67	0	0
1930.....	283	69	8	0	217	37	11	0
1931.....	269	45	11	0	282	71	12	0
1932.....	300	49	7	0	322	78	12	2
1933.....	243	45	3	0	277	88	1	0
Totaes.....	1,824	396	32	0	1,886	493	40	3

A simples inspecção deste demonstrativo, resalta a extrema raridade das febres paratyphoides no quatrienio que vae de janeiro de 1926 a dezembro de 1929. Vemos neste lapso de tempo apenas 3 hemoculturas positivas para bacilo paratyphico A (1 em 1927 e 2 em 1928) e nenhuma para B. paratyphico B, ao passo que contamos 188 positivas para bacilo typhico. Observamos, outrosim, somente 4 sôro-aglutinações positivas para B. paratyphico A (1 em 1926 e 3 em 1928) e 1 para B. paratyphico B. (1928), emquanto 219 foram positivas para bacilo typhico. O anno 1929 decorreu sem o aparecimento de um só caso de febre paratyphoide; entretanto, nesse anno, o bacilo typhico foi identificado 67 vezes, tanto por hemocultura, como por sôro-aglutinação. Torna-se, por conseguinte, patente a extrema raridade das febres paratyphicas na Bahia, no quinquenio que se seguiu ao

ano da grande epidemia (1924), contrastando com a relativa frequência da genuína febre typhoide, neste periodo, exactamente de acordo com as conclusões a que cheguei, pelos meus escrupulosos estudos. A partir de 1930, o numero de casos de febre paratyphoide A augmentou um pouco, mantendo-se a B rarissima, com dois casos apenas, positivados por sôro-aglutinação, em 1932. Não é extranho a este augmento o facto do instituto vir praticando, com maior frequência, de alguns anos para cá, exames solicitados de localidades do interior do Estado. Segundo se deprehe de da leitura do mesmo trabalho, dos 18 casos confirmados em 1930, 6 provieram de lugares do interior da Bahia (Sapé, Itabuna e Nazareth), e dos 10 de 1932, 2 tambem tiveram igual procedencia (Belmonte e Barra do Rio Grande). Estabelecendo-se o computo geral dos anos estudados pelo Dr. Araujo, e discriminando-se a porcentagem dos casos produzidos por bacilo typhico em relação aos paratyphicos, verifica-se o seguinte resultado:

	Por cento
Hemoculturas positivas.....	{ Bacilo typhico..... 396 (9252)
	{ Bacilo paratyphico A..... 32 (747)
	{ Bacilo paratyphico B..... 0 (00)
Soro-aglutinações positivas.....	{ Bacilo typhico..... 493 (9197)
	{ Bacilo paratyphico A..... 40 (746)
	{ Bacilo paratyphico B..... 3 (055)

Como se ve, confirma-se ainda uma vez a predominancia grande do Eberth sobre os paratyphicos, na Bahia, facto este que ocorre invariavelmente em todas as partes onde pesquisas bem orientadas tem esclarecido a etiologia das febres do grupo typhico.

#### Paratifoidea na Bahia

Dentre 1,824 hemoculturas realizadas no periodo de fevereiro de 1926 a 31 de julho de 1933 na cidade de Salvador, Araujo obtivera 428 resultados positivos dos quais 396 para *E. tifi* e 32 para *S. paratifi A*, ou seja o percentual de 91.92 e 8.08 (dentre 1,886 Widals, 443 tifoide, 40 Para A e 3 Para B). Como se vé a incidencia não é grande, mas excede de muito a de paratifoide do tipo B assinalada em outros paizes. Do ponto de vista da epidemiologia propriamente dita quase nada se apurou. Apenas duma feita ficou bem averiguado que varios casos se filiavam á presença de uma portadora convalescente. Quanto aos outros, somente uma vez encontrou-se relação entre um caso e outro. Embora, é evidente pelo estudo topografico que portadores de germes sejam responsaveis pelos casos verificados, pois, eles surgem mais ou menos isolados em varios distritos da cidade ou do interior do Estado. Pelos dados existentes é impossivel traçar o rasto epidemiologico dos casos de febres paratifoideas do tipo A ocorridos na Bahia. Quanto aos casos do tipo B apenas duma feita é permitido pensar, embora sem apoio seguro, nas relações plausiveis entre dois deles. Comparando e estabelecendo as percentagens relativamente á febre tifoide durante o periodo considerado (8 anos) teremos: tifoide, 614 casos, 89.51 por cento; paratifoide A, 58, 10.98 por cento; paratifoide B, 3, 0.51. Não pode ser aplicada a Bahia a relação estabelecida na Europa, antes sim, os dados colhidos nas regiões tropicais e subtropicais. (Araujo, Euuardo de: *Bahia Med.*, 196, sbro. 1933.)

## Peixes Toxíforos do Brasil

Fróes em 1932 expendera breves considerações sobre um peixe tóxico, assaz comum no Brasil, geralmente conhecido sob a denominação popular de "níquim." A oportunidade de capturar e examinar detidamente alguns exemplares mais do batraquideo, e informação bibliográfica encontrada sobre a sistemática dos *Thalassophrynidae* brasileiros motiva esta contribuição complementar. A julgar pelos dados ha pelo menos seis especies diferentes, perfeitamente definidas, de *Thalassophrynidae*, quatro das quais encontradas no Brasil, e tres destas na Bahia: *Thalassophryne amazonica*, *Th. punctata*, *Th. reticulata*, *Th. nattereri*. *Th. maculosa*, e *Th. branneri*. Das especies referidas, verificou-se na Bahia a presença da segunda, *Th. punctata*, e da quarta, *Th. nattereri*. A especie erroneamente identificada a *Th. maculosa* na Bahia, parece ser *nattereri*. (Fróes, Heitor P.: *Bahia Medica*, ab. 30, 1933.)

*O ensino da pharmacia no Brasil.*—Data de 12 de abril de 1809 a criação em Brasil do ensino oficial da materia medica e farmacia, tendo sido José Maria Bomtempo o seu primeiro professor. Na Baía a cadeira de farmacia só foi creada em 1824, sendo seu primeiro ocupante Manoel Joaquim Henriques de Paiva, que instituiu um gabinete para esse estudo na parte que lhe foi cedida no Convento de Santa Tereza. Cabe porém lembrar que no plano de estudos aprovado pela carta régia de 29 de dezembro de 1815 já figurava um curso de quimica farmaceutica, cujas noções deveriam ser ministradas pelo boticario do Hospital Militar onde a escola funcionava. Si este brasileiro foi o primeiro mestre de farmacia no Brasil, como ficou dito, foi tambem outro brasileiro, José F. Leal, o primeiro lente de materia medica e farmacia em 1772, na Universidade de Coimbra, e bem assim cabe rememorar que foi outro brasileiro quem em 1788 publicou a primeira quimica que se escreveu em portuguez. Foi elle Vicente Coelho Seabra, ou Vicente Coelho da Silva Seabra e Teles, tambem formado em Coimbra, onde veio a ser lente de mineralogia, geologia, botanica e agricultura. Iniciado o estudo da farmacia por Bomtempo em 1809, passou a ser professado desde 1833 na recém-fundada faculdade, por João José de Carvalho. A cadeira tinha então o titulo de farmacia, materia medica, especialmente brasileira, terapeutica e arte de formular. Reformada a faculdade em 1854, continuou Carvalho com a cadeira que passou a ser só de terapeutica e materia medica, e sendo creada então a de farmacia, assumiu-lhe a regencia o notavel quimico Manoel Maria de Moraes e Valle, que dois anos antes ali entrára como substituto da secção de medicina. Moraes e Valle foi, portanto, o primeiro ocupante dessa cadeira e nela esteve até 1859, quando foi transferido para a de quimica inorganica, sendo então elevado á cathedra que ele deixava, o Dr. Esequiel, que a regeu até ser jubilado em 1883.—ALFREDO NASCIMENTO, *Boletim da Associação Brasileira de Farmaceuticos*, maio 1933.

*A gloria de Ferrán.*—Estudando sob todos os aspectos, o problema da tuberculose mantinha-se estacionario, o que a clarividencia e o espirito de observação de Robert Koch havia determinado. Ferran, romantico porque tem idéas originaes, sonhador porque perscruta os mysterios da vida, abala os alicerces da microbiologia classica, apresentando as culturas homogeneas do bacillo de Koch, um dos primeiros exemplos das mutações biologicas obtidas in vitro. E a figura do sabio se impõe, pelas vidas que salva com a vaccina choleric, com os horizontes que rasga com suas concepções biologicas.—ANTONIO FONTES, *Revista Paulista de Therapeutica*, jul. 1933.